

Matosinhos Campanha no Castro do Monte Castêlo, em Guifões, vai prolongar-se até ao ano de 2018

# Arqueólogos à procura das raízes da cidade

Isabel Peixoto e Marta Tavares  
locais@jn.pt

► O Castro do Monte Castêlo, em Guifões, está a ser alvo de uma nova campanha arqueológica, que irá prolongar-se até 2018. O local terá sido povoado entre os séculos VII antes de Cristo e V da era comum e pode esconder as raízes mais longínquas da cidade de Matosinhos. Hoje e no dia 3, qualquer pessoa pode visitar o sítio.

Com estes trabalhos pretende-se dar continuidade à investigação levada a cabo, nos anos 50 e 60, por Joaquim Neves dos Santos, industrial, arqueólogo amador e etnógrafo que dedicou boa parte da vida a explorar o local. Ali descobriu uma casa com vários compartimentos, provavelmente do século V, e vários muros. "Parece ter encontrado também um troço da muralha que rodeava este povoado", refere ao JN José Varela, técnico de arqueologia da Câmara.

"Um dos mitos que há nestes povoados é que se pensa que só eram habitados no alto, o que não é verdade. Há vestígios por toda a encosta", salienta o mesmo responsável. A campanha, cuja fase inicial termina no próximo dia 3, decorre numa parcela de terrenos da APDL (Administração dos Portos do Douro e Leixões), mesmo junto ao rio Leça, e resulta de uma parceria entre a Câmara e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

## Do povoado às salinas

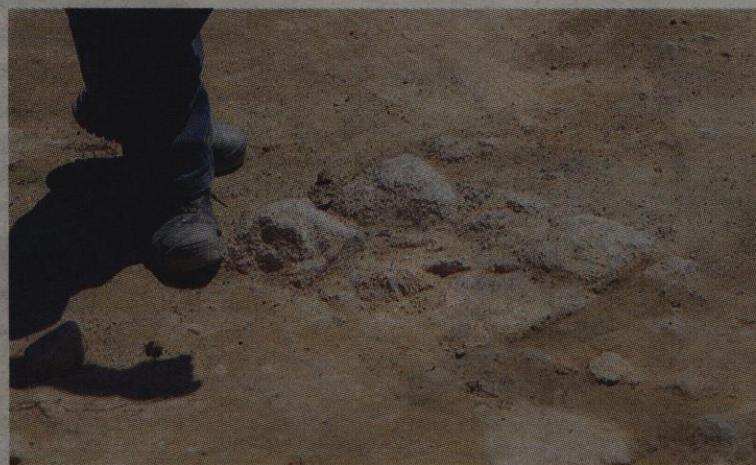
No dia em que o JN visitou o local, já estava à vista um núcleo de pedras que, pelo corte e pelo alinhamento, poderia denotar a presença de um muro, no que se julga ser o extremo do povoado. Segundo José Varela, é provável que a partir do século V já não houvesse condições para a população viver ali.

Há no entanto vestígios atribuíveis ao século X, nomeadamente cerâmica, e também documentos que apontam para a existência de um castelo. Desde então até final do século XV, há referência a uma grande quantidade de talhos de salinas.

O sítio foi alvo de várias intervenções, sendo de destacar a que, na década de 90, permitiu descobrir duas casas romanas, numa quota mais elevada. Aí perto, é visível uma estrutura que pode corresponder à referida muralha. ●



Finalistas do curso de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto participam nas escavações, num terreno junto ao Leça



Pelo corte e alinhamento, estas pedras denotam a presença de um muro



Na década de 90, foram descobertas duas casas romanas, em socalcos

## Vestígios Cerâmicas apontam para existência de porto

● É de crer que a zona onde decorrem as escavações tenha sido navegável até pelo menos aos séculos XV/XVI. O mar entrava pelo rio Leça e os barcos descarregavam ali todo o tipo de mercadorias. José Varela refere que terá sido "um antepassado remoto do porto de Leixões".

Entre os vestígios que sustentam essa convicção estão pedaços de ânforas em quantidade desproporcional face ao número de pessoas que viveriam no local, o que leva a crer que dali eram distribuídas para outras zonas. A tipologia desses vasos – são de fundo pontiagudo – também indica que eram encaixados uns nos outros, para transporte por via marítima. Foi recuperada uma ânfora completa, que poderá vir a estar em exposição permanente na Casa da Memória.

Também por ali foram descobertos, em grande quantidade, pedaços de "sigillata", cerâmica fina de mesa atribuível aos séculos IV e V que terá vindo do Norte de África, do território que hoje é ocupado pela Tunísia.